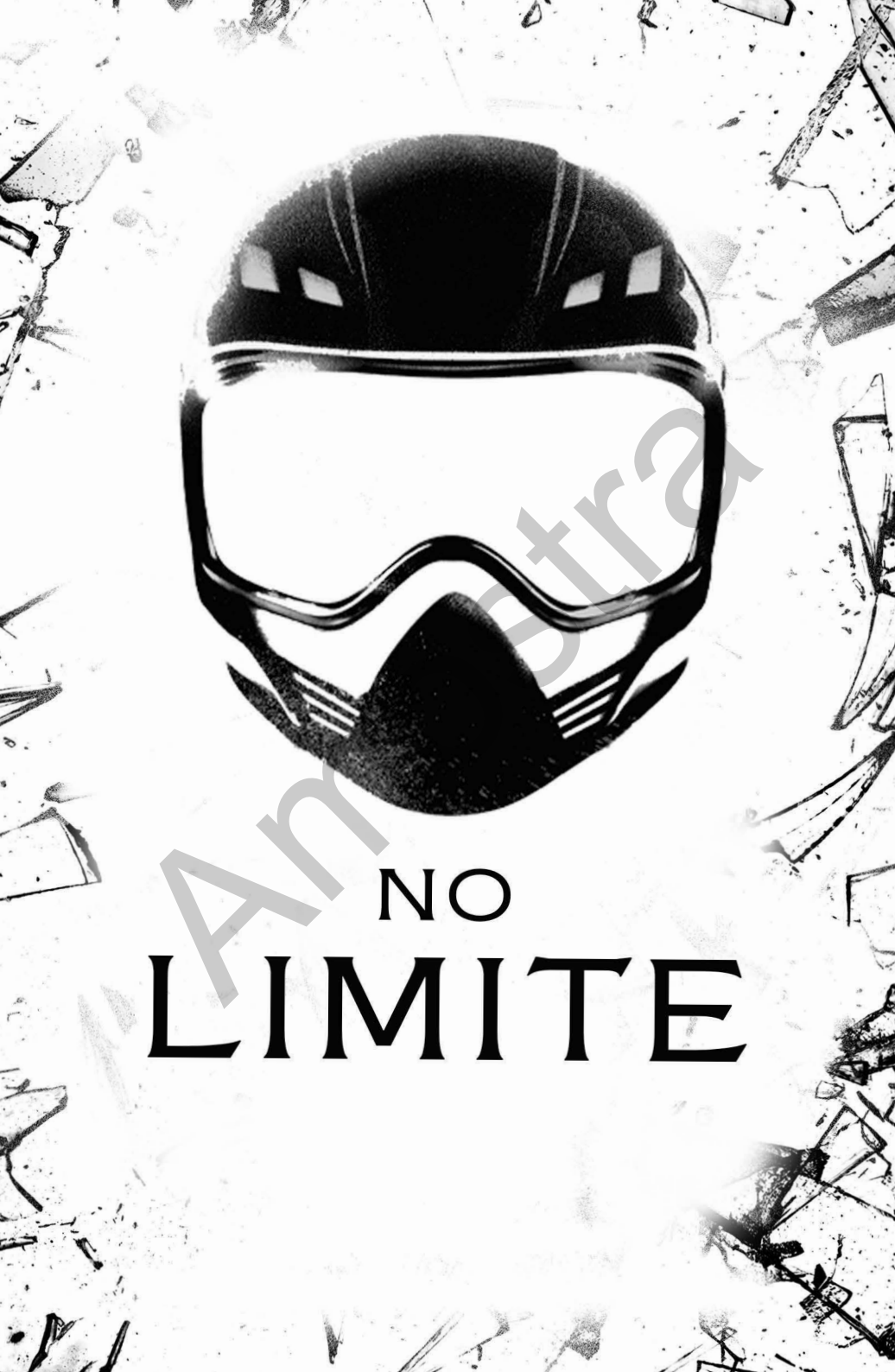

Amostra

Amostra

SÉRIE *INTO DARKNESS*

NO LIMITE

NAVESSA ALLEN

Tradução de
Beatriz Guterman

Amostra

ALTA NOVEL

No Limite

Copyright © 2026 ALTA NOVEL

ALTA NOVEL é um selo da EDITORA ALTA BOOKS do Grupo Editorial Alta Books (Starlin Alta Editora e Consultoria Ltda.)

Copyright © 2025 NAVESSA ALLEN

ISBN: 978-85-508-2706-3

Translated from original Caught Up. Copyright © 2025 by Navessa Allen. ISBN 9781638932253 . First Published in the United States by Zando. This translation is published and sold by arrangement with Sandra Dijkstra Literary Agency and Sandra Bruna Agencia Literaria, the owner of all rights to publish and sell the same. PORTUGUESE language edition published by Starlin Alta Editora e Consultoria Ltda., Copyright © 2026 by Starlin Alta Editora e Consultoria Ltda.

Impresso no Brasil — 1ª Edição, 2026 — Edição revisada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 2009.

ATENÇÃO: esta obra aborda diversos temas sensíveis.
Para mais detalhes, verifique as páginas 1 e 2.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

A431n

Allen, Navessa.

No limite / Navessa Allen; tradução de Beatriz Guterman. — 1. ed. — Rio de Janeiro: Alta Books, 2026.

364 p.; 13,7 x 21 cm.

ISBN 978-85-508-2706-3

1. Ficção. 2. Literatura estrangeira. 3. Romance contemporâneo. 4. Erotismo na literatura. 5. Romance norte-americano. I. Guterman, Beatriz, trad. II. Título.

CDD 813

Índice para catálogo sistemático:
1. Romances: Literatura norte-americana (813)

Amostra

Todos os direitos estão reservados e protegidos por Lei. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida. A violação dos Direitos Autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e com punição de acordo com o artigo 184 do Código Penal.

O conteúdo desta obra fora formulado exclusivamente pelo(s) autor(es).

Esta é uma obra de ficção. Os nomes, personagens, lugares, organizações e situações retratadas são produtos da imaginação do autor. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, eventos ou localidades é mera coincidência.

Produção Editorial: Grupo Editorial Alta Books
Diretor Editorial: Anderson Vieira
Vendas Governamentais: Cristiane Mutüs
Coordenadora Editorial: Illysabelle Trajano

Produtora Editorial: Beatriz de Assis
Tradução: Beatriz Guterman
Copidesque: Nathalia Marques
Revisão: Letícia Carvalho
Diagramação: Natalia Curupana

ALTA BOOKS
GRUPO EDITORIAL

Rua Viúva Cláudio, 291 — Bairro Industrial do Jacaré
CEP: 20.970-031 — Rio de Janeiro (RJ)
Tels.: (21) 3278-8069 / 3278-8419
www.altabooks.com.br — altabooks@altabooks.com.br
Ouvidoria: ouvidoria@altabooks.com.br

Editora
afiliada à:

ALERTA DE CONTEÚDO

No Limite é uma comédia romântica dark sobre perseguição e possui temáticas sensíveis.
Aconselha-se cautela, já que esse livro contém:

Camgirls/camboys
Prostituição
Máfia e crime organizado
Chantagem
Coerção
Religião
Sangue
Violência
Sangue e vísceras (breve)
Perseguição
Abuso sexual
Abuso doméstico (lembrança)
Bullying (lembrança)
Slut Shaming
Consumo de álcool
Apostas
Fumo
Menção a assassinos em série e seus crimes
Canibalismo (alusão)

Amostra

Práticas sexuais contendo:

Sexo explícito (inclusive com mais de um parceiro)
Asfixia
Jogo de caça/caçador
Sentimento de medo
Voyeurismo
Exibicionismo
Bondage
BDSM leve
Perseguição

Amostra

Para todos aqueles que estão prontos para entrar no ***jogo****.*

Amostra

01

Junior

Havia sangue por toda a parte. Encharcando minha camisa, espalhado nas minhas calças, e enterrado embaixo das minhas unhas curtas. Era por isso que eu sempre estava vestido dos pés à cabeça de preto. Qualquer outra cor deixaria o sangue evidente demais, mas o preto fazia com que as manchas molhadas fossem mais fáceis de se explicar: derramaram bebida em mim, ou um carro passou por cima de uma poça e me molhou. Nem sei quantas desculpas já tive que inventar com o passar dos anos.

Por sorte, não precisaria de nenhuma esta noite, porque estava caindo um pé d'água. Um relâmpago surgiu no céu, pintando os arranha-céus distantes em tons de prateado e branco. Uma trovoada logo o acompanhou, sacudindo as janelas dos prédios ao redor. A cidade parecia Gotham em noites assim. Sombria, perigosa.

Desviei o olhar da tempestade. Três pessoas estavam ao meu lado à beira do rio, todas de preto porque aprenderam a mesma coisa que eu sobre manchas de sangue. Estavam imóveis, o olhar vazio enquanto fitavam adiante, as jaquetas esvoaçando ao redor do corpo como asas descontroladas. Outro raio atravessou o céu, nos banhando em prata. Parecíamos mais um bando de abutres esperando para atacar um cadáver do que um grupo de irmãos que deveriam estar comemorando.

Quatro dias. A chuva não dava trégua há quatro dias, e o rio estava tão cheio da enxurrada que o carro que tínhamos acabado de empurrar nele estava sendo sugado para baixo da superfície com uma facilidade alarmante. Quem sabe teríamos sorte, e a polícia pensaria que o dono foi

Amostra

pego em um alagamento e se afogou em vez do que *realmente* fizemos com ele.

Pelo canto do olho, vi um lampejo vermelho. Me virei e vi Greg, meu irmão caçula, levar um cigarro aos lábios.

— Isso vai acabar te matando — falei.

Ele soltou a fumaça no vento.

— Alguma outra coisa vai me matar primeiro.

Depois de dizer isso, ele se virou e saiu andando com Stefan em seu encalço.

Alec, que tinha a idade mais próxima da minha, usou o espaço vazio que ele deixou entre nós para me olhar nos olhos.

— Acabamos por aqui?

Assenti. Sim, tínhamos acabado. Já tínhamos dado um jeito em Tommy Marchetti, como nosso pai mandou.

Alec ergueu a gola da jaqueta para afastar a chuva do pescoço e seguiu nossos irmãos mais novos, deixando-me sozinho enquanto eu observava a BMW de Tommy desaparecer na água escura feito a noite. O cretino finalmente estava fora do caminho, e eu não poderia ter pedido um presente de aniversário melhor.

Esperei apenas o bastante para me certificar de que o carro não acabaria boiando de volta à superfície, e então fui até o galpão aninhado à beira do rio. O piso era de concreto e as paredes de tábuas de madeira estavam tão velhas que o vento entrava pelas frestas a cada sopro, mas pelo menos eu não estava mais tomando chuva.

Meus irmãos estavam embaixo de uma luz fluorescente, os olhos fixos em uma grande mancha vermelha aos seus pés.

Alec apontou para ela.

— O que quer que a gente faça com isso?

— Água sanitária — respondi.

Ele seguiu para um armário nos fundos.

Dei uma olhada para Greg.

— Saiu muito sangue.

Ele ergueu o olhar para mim ao dar outra tragada no cigarro.

Amostra

— Cadáveres ainda quentes costumam ser assim.

Eu podia até ser chamado de "Junior", mas entre todos nós, era Greg quem tinha mais semelhanças com nosso pai, principalmente agora que a felicidade começara a escapar de seus olhos e o olhar de cansaço que o resto de nós tinha começava a surgir em seu rosto.

Alec se juntou a nós e demos um passo para trás enquanto ele virava uma garrafa inteira de água sanitária na mancha. Ao terminar, jogou a garrafa vazia na direção do resto do lixo reunido em um canto. Este lugar pertencera a um peixeiro antes da indústria local falir. Agora o dono era um dos sócios do meu pai, um homem que fazia vista grossa ao nosso uso ocasional.

Alec se virou para me encarar.

— Ainda quer sair?

Fiz contato visual com ele.

— O que acha?

Ele deu de ombros.

— Se quiser eu tô dentro.

Stefan lançou a Alec um olhar que dizia *Tá de brincadeira?*, mas que ele não viu. Ao lado de Stefan, Greg me observava, esperando minha decisão. Como o mais velho, na prática eu era o líder. Aquele em que nosso pai mais confiava, aquele que meus irmãos procuravam em busca de conselhos. Só por uma vez, queria que outra pessoa tomasse a porcaria de uma decisão para que eu não precisasse pensar tanto o tempo todo.

Voltei a olhar para Alec.

— Não, não quero sair. Eu tô encharcado e cansado, e até todo mundo tomar banho e se trocar, já vão ser duas da manhã e tudo vai estar fechando.

— Quer dizer que vai passar seu último aniversário na casa dos vinte triste e sozinho? — perguntou Alec. — Que deprimente.

Balancei a cabeça, começando a me irritar.

— Não passei sozinho. Jantamos em família e depois nós quatro pudemos vir nesse passeio divertido. — Ele abriu a boca para argumentar, mas eu o interrompi. — Já deu por aqui. Não ligo para o que vocês três vão

Amostra

fazer pelo resto da noite, mas eu vou para minha casa. Avisa a mãe e o pai que eu só volto daqui uns dias.

Sem esperar por uma resposta, fui embora. Talvez fosse deprimente, mas eu queria ficar sozinho. Queria o silêncio e a solitude do meu próprio espaço, e eu nunca conseguiria isso se voltasse para a casa dos meus pais com meus irmãos babacas.

Meu apartamento não ficava longe das docas, cerca de dez minutos andando, e como eu já estava encharcado, não estava nem aí se ia tomar chuva. Era quase bom sentir um pouco de frio. O calor intenso do verão estava atingindo a cidade, e com toda a água ao nosso redor, o ar tinha ficado sufocante e fétido. A tempestade estava afastando um pouco o calor, mas eu sabia que era só temporário. Vai ser sorte se tivermos um ou dois dias de clima mais ameno antes dos termômetros voltarem a marcar 32 graus.

As pessoas passaram apressadas por mim na calçada. A maioria estava encurvada, como se isso fosse protegê-las da tempestade, mas eu caminhei de cabeça erguida, torcendo para que a chuva lavasse as evidências dos meus pecados. Porra, como eu estava cansado. E não só pelo que eu tinha acabado de fazer. Era uma exaustão que penetrava até o osso e me mastigava feito um lobo raivoso.

Queria saber se meu pai às vezes se sentia assim. Se nosso "trabalho" pesava sobre ele da mesma forma. Ao contrário de mim, meu pai não tinha nascido na máfia. Ele abrira espaço entre a infantaria e foi subindo aos poucos na hierarquia. Agora ele era o cara que os figurões procuravam quando precisavam de alguém para limpar a bagunça, mas já que se achava importante demais para continuar sujando as mãos, ele delegava.

Um sorriso amargo surgiu em meus lábios. É claro que nosso pai não sentia o peso do nosso trabalho. Não era ele quem o fazia. Era *eu*. Bem, eu e meu irmãos. A gente aguentava o fardo de tudo. O risco de sermos pegos. O risco de sairmos feridos. O risco de nunca mais conseguirmos dormir, porque sempre que fechávamos os olhos, as imagens do que fizemos vinham à tona e ameaçavam nos afogar nas profundezas das nossas próprias memórias.

Amostra

Ou talvez só eu me sentisse assim. Talvez eu estivesse sendo um idiota rabugento, porque em vez de passar meu aniversário no centro da cidade como planejado, tive que passar nas docas, criando mais pesadelos para mim mesmo.

Balancei a cabeça e prestei atenção ao meu entorno. Essa parte da cidade era antiga, e não de um jeito legal; antiga de um jeito esquecido e que até agora conseguira escapar da gentrificação que dominava os outros bairros. Os prédios de tijolos expostos amontoados perto da rua só tinham alguns andares. Poças haviam se formado na calçada, refletindo a luz neon das placas das lojas ao redor. Pequenos grupos de pessoas se reuniam debaixo de toldos, fumando ou conversando enquanto esperavam a chuva passar. Era um bairro de pessoas da classe operária, em sua maioria imigrantes, e as ruas deixavam isso evidente. Era um bom lugar para se esconder, para passar despercebido. E foi por isso que aluguei um apartamento aqui.

Na maior parte do tempo, meu pai gostava que estivéssemos próximos a ele, porque era um velho paranoico. Apesar de estarmos na casa dos vinte, eu e meus irmãos ainda dormíamos muitas vezes em nossos quartos da infância. Eu só ficava fora em noites como essa, noites em que eu precisava desaparecer, arejar a cabeça por um tempo até conseguir ficar perto de outras pessoas de novo. Ver e ouvir a cidade me lembrava que o mundo continuava girando. Que as pessoas continuavam a viver suas vidas, felizmente inconscientes da escuridão que se escondia abaixo da superfície. Isso me dava esperança, me lembrava que existia mais na vida do que apenas morte, destruição e o medo constante de passar o resto dos meus dias atrás das grades.

Quando cheguei à porta discreta espremida entre uma joalheria e uma padaria, já estava mais do que pronto para sair da chuva. Logo após uma escadaria estreita, estava meu pequeno apartamento, escuro, abafado e com um cheiro de mofo no ar que transparecia abandono. Quando foi a última vez que estive aqui? Há um mês? Dois? A primavera passara como um borrão, marcada pelo homicídio acidental que a idiota da minha prima Aly e o namorado cometeram. A vítima era um assassino em série, mas também era filho de uma família bilionária, e foram precisos todos os recursos e

Amostra

tempo da minha família para fazer a polícia federal acreditar que Bradley Bluhm ainda estava vivo e em fuga. Durante essa época, a paranoia do meu pai atingiu níveis inéditos, e ele mal deixava que os filhos saíssem de vista. Eu provavelmente ouviria um monte por ficar longe, principalmente em uma noite como essa, mas precisava de um tempo sozinho.

Apertei o interruptor ao lado da porta e fiquei aliviado quando uma lâmpada se acendeu. Pelo menos eu tinha me lembrado de pagar as contas básicas. A luz da lâmpada iluminou um espaço compacto, que poderia ser melhor descrito como funcional. Uma cama à direita, um sofá à esquerda, uma cozinha na parede oposta e uma porta ao lado da geladeira que dava para o banheiro.

Peguei uma muda de roupas e fui para o banho, aumentando a temperatura da água até ficar escaldante. Filetes rosados escorreram pelo ralo enquanto eu esfregava os últimos resquícios de sangue da pele. Na minha mente, a lembrança do carro de Tommy desaparecendo abaixo da superfície da água se repetia, e eu abri um sorriso. Estava feliz por ele estar fora do caminho, porque isso acabou com um dos últimos obstáculos entre mim e a filha dele.

Lauren Marchetti.

A garota com quem cresci no "antigo bairro", como chamávamos Little Italy, antes dos meus pais se mudarem do centro da cidade para os subúrbios de luxo. Ela era um ano mais nova que eu, e ao fim do meu último ano, uma situação envolvendo nós dois saíra de controle, ficando tão séria que ela acabou se transferindo para outra escola.

Fechei os olhos, recordando, um sorriso escapando ao me lembrar do punho de Tommy atingindo minha bochecha, sua voz furiosa dizendo que me mataria se eu sequer olhasse para a filha dele de novo. Fui para casa depois, seguindo direto para o meu quarto, tentando esconder o constrangimento por um velho ter me dado uma surra, mas meu pai me viu, deu uma olhada no meu rosto e exigiu saber o que tinha acontecido.

Balancei a cabeça enquanto a água me atingia, lembrando do quanto eu era ingênuo, mesmo aos dezoito anos, mesmo depois de toda a merda que eu já tinha visto e feito. Meu pai me obrigara a contar a história, e eu fiquei

Amostra

apavorado de que ele piorasse tudo entrando em guerra contra Tommy. Mafiosos não eram famosos por deixarem ofensas contra parentes passarem em branco. Porém, em vez de retaliação, meu pai só fez mais ameaças.

Bem, Tommy não estava mais vivo para cumprir as dele, e eu já não temia mais meu pai. Já tinha cansado de esperar. Passei quase uma década mantendo distância de Lauren, e pobre da pessoa que tentasse entrar no nosso caminho dessa vez.

Quando saí do banho, coloquei minhas roupas em uma sacola e levei para uma caçamba na esquina. Caçambas eram ótimas para se livrar de evidências. Quando os policiais começavam a desconfiar, o lixo já estava no aterro sanitário, e eu queria só ver alguém encontrar algo lá. Mesmo que acabassem achando minhas roupas, a exposição aos resíduos em decomposição as contaminariam tanto que nenhuma amostra seria aceita no tribunal.

Depois disso, deixei os sapatos ao lado da porta da frente e me joguei no sofá surrado. E então fiz o que fazia todas as noites, sem falta: tirei meu celular do bolso, abri minha rede social favorita, e logo acessei o perfil de Lauren. A página inicial era lotada de fotos dela seminua, todas com poses artísticas e iluminação perfeita.

Intercalados a essas imagens, também havia pequenos vislumbres do dia a dia: seu almoço; uma foto dela abraçando seu cachorro enorme; segurando um cartaz em um protesto. A imagem de hoje a mostrava em um terninho preto justo, apertando a mão de uma mulher branca e mais velha em um escritório. Sorri ao vê-la. Marion Blackwell fora um osso duro de roer. Lauren passou meses tentando se encontrar com a vereadora, na esperança de garantir o voto dela para uma portaria local voltada para aumentar a segurança dos profissionais do sexo. Blackwell, que era mais conservadora, estivera evitando Lauren, mas uma exploradinha revelou o problema de seu filho com "pó branco", e bastou uma ameaça de vazamento das fotos dele cheirando nos fundos de um clube de strip-tease para Blackwell mudar de ideia e aceitar fazer a reunião.

Eu teria feito coisas bem piores para conseguir ver essa foto de Lauren, toda triunfante. Ela estava bem diferente daquela aluna estudiosa, de

Amostra

óculos, quieta e com os braços cheios de livros de quem eu me lembrava. Essa deusa cheia de curvas nem se parecia mais com ela, mas a evidência era irrefutável: olhos grandes e castanhos, nariz pequeno, um leve espaço entre os dois dentes da frente, e o que mais entregava, uma marca de nascença embaixo do olho esquerdo.

Rolando até o topo de seu perfil, cliquei no link de sua bio, que me levou para o aplicativo Me4U. Lauren era tão determinada a garantir direitos para profissionais do sexo porque ela também era uma.

E eu era seu fã número um.

Logo abaixo do perfil dela havia um pequeno botão que permitia pedir um vídeo exclusivo. Cliquei no botão e enviei meu pedido mais recente, acompanhado de uma mensagem.

Bom trabalho com Blackwell hoje. Que orgulho. Agora me mostra o quanto você está orgulhosa de si mesma, Lauren.

Amostra

02

Lauren

Eu estava atrás de um dos meus colegas de casa, observando seu computador, que mostrava um vídeo meu, me masturbando em câmera lenta. Estava escuro feito uma caverna no quarto de Ryan, as cortinas blackout cumprindo a função de bloquear a luz forte da tarde. Eu estava maravilhosa na tela. Nua. Entregue aos delírios do êxtase. Uma verdadeira deusa do sexo. Até que de repente soltei um gritinho sem som (o computador de Ryan estava no mudo) e caí da cama.

Ryan voltou alguns quadros e pausou o vídeo.

— Aqui — disse, apontando para o programa de edição embaixo do vídeo. — Se a gente cortar aqui e depois fizer uma transição para o lado, vai parecer que foi uma filmagem contínua e que você mudou o ângulo da câmera para ser artística.

Ergui uma sobrancelha.

— E não que tive que parar no meio da gravação porque alguém disparou o alarme de incêndio? *De novo*?

Ryan colocou uma mecha de seu cabelo loiro e comprido atrás da orelha, parecendo um pimentão, atingindo aquele tom de vermelho que só pessoas bem pálidas conseguem.

— Não quis deixar o exaustor no máximo para seu microfone não captar o som.

— Aham — falei. — Tenho certeza de que foi isso.

Ryan ficou ainda mais vermelho. Atormentar elu era tão fácil quanto divertido.

Amostra

Abri a boca para ver se conseguia fazer Ryan corar até os dedos dos pés, mas a porta de seu quarto foi aberta atrás de nós, fazendo com que piscássemos ao sermos atingidos pela luminosidade repentina enquanto Taylor, a terceira moradora da casa, entrava no quarto. À princípio, tudo o que vi foi sua silhueta, mas quando meus olhos se acostumaram com a luz, notei seu cabelo cor de lavanda balançando na linha dos ombros e o robe de seda floral amarrado frouxamente em torno de suas curvas. Ela estava toda maquiada, os contornos do rosto destacados por iluminador e bronzeador, os olhos amendoados emoldurados por cílios postiços, o que significava que estava se preparando para filmar, ou tinha acabado de terminar.

Ela parou a poucos passos de nós, segurando uma caixinha em cada mão e olhando de mim para Ryan.

— Um dos meus inscritos acabou de pedir um vídeo com foco no meu fiofó. — Ela abriu um sorriso ameaçador. — Quem vai me ajudar a clarear e depilar?

Olhei para Ryan, que já fazia que não com o dedo.

— Tô fora — falou. — Já vou ter que olhar pra ele enquanto estiver filmando e editando. Não é justo eu ter que fazer a preparação também.

Abaixei os ombros, exagerando a decepção enquanto me virava para Taylor.

— Tá bom. Eu ajudo.

Ela fez uma dancinha com os ombros, parecendo satisfeita. O inscrito deve ter oferecido uma bela grana pelo vídeo. Nós duas podíamos até ganhar a vida gravando vídeos picantes para a internet, mas as filmagens em plano fechado eram muito mais íntimas e exigiam um nível de vulnerabilidade com o qual geralmente não nos sentíamos confortáveis.

Taylor desviou o olhar para a tela do computador de Ryan.

— É esse o vídeo que Ryan estragou quando queimou a janta ontem?

Ryan voltou a se virar para o monitor, com as bochechas ainda coradas.

— Não estraguei nada. A Lauren conseguiu terminar de gravar.

Eu e Taylor trocamos um sorriso irônico. Na divisão de tarefas, revezávamos a responsabilidade de cozinhar. Algumas noites comíamos macarrão com salsicha (Taylor), culinária italiana autêntica (eu) e pratos

Amostra

cada vez mais elaborados de todo o mundo, que ou eram incríveis ou acabavam espalhados pela cozinha inteira (Ryan). Mas, sendo justa, pelo menos Ryan estava tentando expandir seus dotes culinários. E elu tinha melhorado muito nos últimos tempos. Era só quando tentava fazer uma receita nova e complicada, como na noite passada, que nossa casa acabava cheia de fumaça.

— Você me deve uma panela nova — falei. — O molho *tandoori* deve estar impregnado no metal da que você usou ontem.

Ryan resmungou.

— Se continuar me zoando, vou mostrar à Taylor o vídeo que editei de você caindo e descaindo sem parar.

Ofeguei, horrorizada.

— Você não fez isso.

Com um clique, Ryan abriu outra aba no programa de edição e lá estava eu, caindo da cama em câmera lenta. E voltando para a cama. Caindo de novo. Voltando. Esse ângulo não favorecia meus peitos nem um pouco, um parecia estar tentando fugir do outro, indo em direções opostas. Meu cabelo parecia ter sofrido um choque elétrico, e o medo no meu rosto deixava claro que eu achei que estava prestes a ser assassinada.

— Acho que nunca vou superar ter me visto desse jeito — falei.

Ryan soltou uma gargalhada. Ao meu lado, Taylor ria tanto que nem saía mais som. Minha vingança por essa traição iria parar nas manchetes.

Foram necessários cinco minutos e ameaças físicas cada vez mais violentas para que Ryan fechasse a aba e prometesse apagar o vídeo.

Outros vários minutos se passaram até que Taylor conseguiu falar novamente.

— Pra quem foi esse vídeo?

— Meu inscrito favorito — falei.

Ela olhou para mim, enxugando as lágrimas dos olhos.

— NT95?

Fiz que sim com a cabeça. Apesar de estar nesse ramo há anos, eu ainda ficava nervosa ao gravar certas solicitações, principalmente aquelas que acompanhavam um dinheirão. Queria que ficassem perfeitas. Queria

Amostra

que os inscritos ficassem desesperados por mais. E NT95 era meu inscrito desde o primeiro dia, o primeiro que tive, na verdade, se inscreveu quase instantaneamente quando anunciei meu perfil no Me4U nas redes sociais. Já tínhamos passado infinitas horas trocando mensagens picantes. Eu sabia sobre o pai horrível que ele tinha e sobre a pressão constante que sofria no trabalho. Ele me mandava mensagens de parabéns sempre que eu convencia um novo político, e pedia para que eu tomasse cuidado quando ia a protestos. Ele já não era mais um inscrito qualquer. Ele era importante para mim. Por isso eu estava olhando por cima do ombro de Ryan em vez de deixar que trabalhasse em paz.

— O que ele pediu? — perguntou Taylor.

— Um strip-tease seguido por masturbação — falei. — À minha escolha.

Ela me lançou um olhar malicioso.

— Acha que ele ia gostar da edição especial de Ryan?

— Vou te matar por enfiar essa ideia na cabeça delu.

Ryan soltou um risinho, mas continuou em um silêncio suspeito ao continuar editando a cena. Eu teria que ficar de olho nos dois nos próximos dias. Quando terminou, começou a fazer a correção de cores das imagens. Nós três tínhamos o arranjo perfeito. Eu e Taylor mostrávamos nosso talento em cena e Ryan era quem fazia mágica por trás das câmeras, editando os vídeos e até ajudando a filmar cenas complicadas como aquela para a qual eu ajudaria Taylor a se preparar.

— Caramba — disse ela. — Seu quarto fica com uma iluminação tão bonita ao pôr do sol.

Eu estava prestes a responder quando algumas fungadas chamaram minha atenção. Eu e Taylor nos viramos para a porta e nos deparamos com Walter, nosso enorme Shiloh Shepherd, entrando no quarto enquanto balançava o rabo, parecendo contente, as orelhas para trás e os olhos meio fechados em pura alegria canina. Achei que estivesse carregando um mordedor na boca, mas ao olhar com atenção, aquilo se parecia muito com...

— Meu chicote favorito! — gritei, me lançando na direção dele. Merda, ele ia estragá-lo.

Amostra

Walter latiu e pulou para trás, abaixando a cabeça e se preparando para brincar.

Parei de avançar e tentei soar brava:

— Isso não é brinquedo, Walter. Solta.

— Bem, tecnicamente... — começou Ryan.

Apontei o dedo na direção delu, sem querer tirar os olhos de Walter, para o caso de ele notar minha distração e fugir.

— Você já está na minha lista suja. Não piore as coisas ficando do lado do cachorro.

Taylor começou a rir atrás de mim.

Considerando isso um indício de que sem dúvidas era hora da brincadeira, Walter mastigou o cabo do chicote e começou a vir na minha direção, balançando a cabeça como quem diz *Eu tenho um brinquedo e não vou te dar*. Infelizmente, isso fez com que as cinco tiras de couro presas a ele saíssem voando pelo ar. Na nossa direção.

— Merda! — gritou Taylor, desviando para o lado.

Ryan saltou da cadeira, escapando por pouco de um golpe no braço.

Walter latiu com o cabo na boca e avançou na nossa direção com o que só poderia ser descrito como uma alegria maníaca. Saímos correndo do quarto e descemos as escadas em disparada, tropeçando uns nos outros ao tentar fugir.

No último degrau, consegui me esquivar para a direita. Ryan virou à esquerda.

Taylor pulou no sofá da sala.

— Vai atrás de Ryan! — mandei Walter. — Me vinga!

— Ei! — gritou Ryan, correndo na maior velocidade, com nosso cão maluco em seu encalço.

Por sorte, morávamos em uma casa geminada de três andares, então não tínhamos vizinhos no andar de baixo que pudessem reclamar do caos repentino. Decidimos morar aqui porque o isolamento era excelente, o que ajudava a abafar o som... o trabalho que fazíamos resultava em sons muito íntimos. A outra vantagem era que um surto repentino de latidos,

Amostra

gritos e fuga de um cachorro carregando um chicote passava *praticamente* despercebido.

Já que o brinquedo era meu, eu provavelmente deveria assumir a responsabilidade, não importava o quanto estivesse me divertindo ao ver Walter aterrorizar meus amigos. Havia uma coisa que sempre fazia ele se comportar, então enquanto Taylor e Ryan o mantinham ocupado (ou seja, fugiam dele horrorizados), fui pegar o pote de biscoitos que ficava na bancada da cozinha. Assim que o abri, ouvi unhas batendo no piso de madeira e soube que Walter estava vindo na minha direção.

Ele contornou a bancada e tentou desacelerar, mas estava correndo tão rápido que acabou deslizando. O problema de ter 1,52m e um corpo mais magro é que não se tem chance contra um cachorro da metade da sua altura e praticamente o mesmo peso. Walter pareceu perceber que estávamos à beira de um desastre no mesmo momento que eu, mas não tínhamos mais o que fazer para evitá-lo.

Fizemos contato visual e trocamos um olhar de *Deu merda* que transcendia nossa diferença de espécie, até que ele bateu nos meus joelhos. Caí com um gritinho abafado, indo para o chão com tudo, amortecendo a queda com o cotovelo e ombro para não esmagar meu cachorro idiota.

— Meu Deus — disse Taylor, ofegante. — Você tá bem?

Olhei para cima e encontrei meus amigos parados em frente a mim, Ryan tentando cobrir a risada com a mão e Taylor curvada, rindo abertamente.

Eu me deitei de costas.

— Acho que sim.

Algo molhado cobria minha mão esquerda. Olhei para o lado e vi Walter pegar gentilmente o biscoito que estava entre meus dedos e se afastar como se esperasse que ninguém o notasse.

Pelo menos tinha largado o chicote.

Amostra

Uma hora depois, o apartamento estava arrumado, o fiofó de Taylor pronto para aparecer na câmera, e ela e Ryan estavam trancados no quarto dela.

Hoje era a minha vez de cozinhar, e enquanto meus colegas de apartamento gravavam, eu podia ficar na cozinha com meu notebook aberto na ilha, acompanhando a barra de progresso enquanto subia meu vídeo da semana na página do Me4U — neste eu estava fazendo pole dancing no quarto de hóspedes que transformamos em um palácio dos fetiches.

Tomara que meus inscritos gostem. Graças às aulas semanais que eu fazia, eu tinha melhorado muito no pole dancing desde que comecei a postar vídeos, mas não estava nem perto de ser uma especialista. Eu só achava divertido, rendia um ótimo conteúdo e era uma atividade física surpreendentemente boa: o auge da arte de fazer várias coisas ao mesmo tempo.

Cada criador de conteúdo do Me4U era diferente e tinha níveis variados de atividade, mas já que esse era meu único emprego, eu postava alguma foto picante ao menos uma vez por dia e um vídeo longo na minha página principal toda quarta-feira, sem falta, para todos os meus inscritos. Geralmente, eu já deixava as publicações programadas com antecedência, mas a última semana fora especialmente agitada. Meu prazo estava apertado e eu odiava isso. Eu não considerava meus inscritos só pessoas aleatórias, eles eram minha comunidade.

Com o passar dos anos, recebi inúmeras mensagens de inscritos me agradecendo por uma publicação ou outra porque tinham tido um péssimo dia ou estavam passando por um momento difícil. Meus vídeos melhoravam o humor deles, os ajudava a esquecer as merdas da vida por um instante. Muitas pessoas passaram a contar comigo e com meu cronograma disciplinado. Era algo pelo qual podiam esperar, e a ideia de me atrasar e decepcionar qualquer uma delas pesava minha consciência.

Um chiado fez eu levantar a cabeça bem a tempo de ver a panela de água que estava no fogão começar a ferver. Se eu fizesse merda no jantar depois de encher o saco de Ryan por fazer o mesmo, elu ia me encher para sempre.

Amostra

Desviei de Walter, que estava esparramado no meio da cozinha (planejando o próximo ataque, aposto) e coloquei o fogo no mínimo antes de adicionar a massa na panela. Depois de misturar, programei um cronômetro e comecei a fazer o molho: manteiga, chalotas, alho e vinho branco, além de uma latinha de vôngoles, que só adicionei no final.

O vinho estava começando a evaporar quando meu celular apitou com uma notificação. Peguei ele e vi que recebi uma mensagem do NT95 no aplicativo do Me4U.

Tô animado pra ver o que você preparou pra gente hoje, dizia.

Abri um sorriso e respondi: *Tenho um pressentimento de que você vai gostar.* Mandei uma captura de tela do vídeo, em que eu estava sem camisa e mordendo o lábio ao olhar para a câmera. Ryan sempre salvava várias cenas de cada vídeo que eu e Taylor gravávamos para que a gente pudesse provocar os inscritos enquanto eles esperavam até as próximas publicações.

Recebi outra notificação. NT95 tinha me enviado cinquenta dólares.

Espera só até ver SEU vídeo, falei, com vários emojis de beijinhos.

Mal posso esperar, respondeu ele. *Espero que tenha uma boa noite, Lauren, e mais uma vez, parabéns pela vitória de ontem.*

Valeu!!!

Eu ainda estava nas nuvens por ter trazido a vereadora Blackwell para o nosso lado. Com o voto dela, nossa portaria tinha grandes chances de ser aprovada, e logo os profissionais do sexo da cidade poderiam denunciar qualquer tipo de violência sofrida no trabalho sem enfrentar multas por aliciamento. Seria uma vitória enorme, uma que passamos anos tentando alcançar, e apesar de ter sido uma batalha longa e exaustiva, finalmente estávamos perto. Fazia eu ter esperanças de que se nos esforçássemos o suficiente, um dia conseguiríamos levar essa cidade industrial para o século XXI.

NT95 curtiu minha mensagem e eu coloquei o celular na bancada, sorrindo. Era engraçado pensar no nosso passado e na quantidade de coisas que tinha mudado desde que ele se inscrevera. Agora eu tinha um "cardápio" no meu perfil do Me4U onde os inscritos podiam fazer solicitações. Quando comecei, eu calculava os preços para cada solicitação

Amostra